



A noção de verdade (ἀλήθεια) e de evangelho (εὐαγγέλιον) no NT

The notion of *truth* (ἀλήθεια) and *gospel* (εὐαγγέλιον) in the NT

Waldecir Gonzaga

Resumo

O presente artigo quer ser um auxílio no sentido de entendermos os conceitos “verdade” e “evangelho” no Novo Testamento, afim de que possamos melhor trabalhar acadêmica e pastoralmente os mesmos, além de entrar em diálogo com as culturas modernas como soube fazer a Igreja Nascente, colocando-se na esteira do AT, bebendo das tradições Hebraica e Grega. O mundo judaico-cristão realmente nos dá as raízes para que possamos melhor trabalhar estes dois conceitos. A Igreja Nascente, a partir dos escritos do NT, nos mostra como soube fazer a passagem do AT para o NT, num clima de continuidade e descontinuidade, dialogando com a cultura grega reinante na época. Percebe-se claramente a passagem da noção bíblica-hebraica presente no AT, dos termos “verdade” e “evangelho”, para a sua noção bíblica-grega presente no NT. Ênfase especial damos ao NT, por ser aquele que, bebendo da matriz antigo-testamentária, soube inculturar-se no mundo grego-romano, assimilando a mensagem de Cristo e cristianizando o mundo de então justamente com aquilo que, na visão paulina, é o fundamental, a saber, o anúncio da “verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14): Jesus Cristo, sem os condicionamentos da lei mosaica, próprios do mundo judaico e não da fé cristã.

Palavras-chave: verdade, fidelidade, evangelho, boa notícia.



Abstract

This article seeks to aid the understanding of the concepts “true” and “gospel” in the New Testament, so that we can better develop them academically and pastorally, and enter into dialogue with modern cultures as the Early Church knew how to do, putting itself in the wake of the OT, based on the Hebrew and Greek traditions. The Judeo-Christian world really gives us the roots so we can better develop these two concepts. The Early Church, based on the writings from the NT, shows how it knew to make the transition from the OT into the NT in a climate of continuity and discontinuity, dialoguing with the Greek culture prevailing at the time. The transition of the Hebrew-biblical notion of the terms “truth” and “gospel” in the OT into its Greek-biblical notion in the NT can be clearly perceived. We give special emphasis to the NT, once it knew how to incorporate itself into the Greco-Roman world by looking into the matrix of the Old Testament, which enabled the NT to assimilate the message of Christ and Christianize the world of that time with what, in the Pauline view, is the fundamental, namely the announcement of the “truth of the gospel” (Gl 2,5.14): Jesus Christ, without the constraints of the Mosaic law, which belong to the Jewish world and not to the Christian faith.

Keywords: truth, faithfulness, gospel, good news.

Introdução

Num mundo e num momento da história em que a Igreja é desafiada, interpelada e chamada a anunciar o Evangelho em sua integridade e a defender, como nos afirma São Paulo em Gl 2,5.14, “a verdade do *evangelho*”, nós queremos, neste artigo, ainda que o espaço seja pequeno, analisar as noções bíblicas de ἀλήθεια e de εὐαγγέλιον, dentro do contexto do NT, levando em consideração a base antigo-testamentária, para que possamos ter uma maior e melhor compreensão do campo por onde os judeus, Jesus e Paulo caminharam e por onde precisamos caminhar, se quisermos dialogar com o mundo de maneira franca e inculturada, respeitando a pluralidade sem ferir a integridade da fé judaico-cristã. O que pretendemos é navegar por estes campos, com a finalidade de melhor entendermos a noção judaico-cristã destes dois termos, que são caros à Bíblia e igualmente desafiadores nos tempos atuais.

É verdade que encontramos uma outra afirmação muito parecida com esta em Cl 1,5, que, dentro de um contexto de ação de graças desta carta, que não é autenticamente paulina, e que aludindo à esperança que os membros da comunidade de Colossos já têm nos céus por meio do Pai em Jesus Cristo, fala “na palavra da verdade do Evangelho” e não da “verdade do Evangelho” em si. A mensagem do Evangelho aparece como ὁ λογος τῆς ἀλήθειας (“a palavra da verdade”). Oxalá, entendendo os conceitos bíblicos de ἀλήθεια e de εὐαγγέλιον no NT, nós possamos melhor dialogar com as culturas e com os novos areópagos de hoje e conseguir fazer aquilo que, por exemplo, Paulo fez, ou seja, anunciar o Cristo sem a necessidade de renúncia da cultura própria e muito menos impondo uma outra cultura como *conditio sine qua non* para a aceitação da mensagem cristã.

1. A Noção Bíblica de ἀλήθεια

A noção bíblica de ἀλήθεια¹, tanto do AT como do NT, provém de pontos de vista bem diferentes que a nossa noção ocidental, que está ligada profundamente à noção grega, em toda a sua terminologia (gr. *a-lēthes* = não-oculto). Para os gregos, como sabemos, a *verdade* é a concordância entre o pensamento e a realidade, ou então a própria realidade enquanto se revela ao espírito. A partir dessa noção é que se manifesta a aspiração tipicamente grega à clareza, à compreensão teórica e intelectual².

¹ A palavra hebraica que apresenta o equivalente mais próximo do grego ἀλήθεια é *emet*. Embora a LXX regularmente traduza *emet* por ἀλήθεια as versões nas línguas modernas às vezes a traduzem como «verdade» e às vezes como «fidelidade». Realmente, a ideia de fidelidade traduz muito bem, e talvez, até melhor, a ideia de estabilidade, de firmeza, de fidedignidade, que nos quer transmitir a palavra *emet*, quando afirma que algo é verdadeiro, visto que *emet* é algo em que as pessoas podem confiar plenamente. Assim sendo temos os vários termos e suas possibilidades de tradução: ἀλήθεια (*alētheia*), «verdade», às vezes «fidelidade»; ἀληθής (*alēthēs*), «verdadeiro», «sincero», «real», «correto», «fiel», «fidedigno», «genuíno», «veraz»; ἀληθινός (*alēthinos*), «genuíno», «real», «verdadeiro», «válido», «fidedigno»; ἀληθώς (*alēthōs*), «verdadeiramente», «certamente», «de fato», «em verdade»; ἀληθεύω (*alētheuō*), «ser verdadeiro», «falar a verdade».

² Sobre esta concepção intelectual é que se baseia a definição de verdade de Tomás de Aquino, que afirma: «veritas est adaequatio rei et intellectus» (Summa Theol. I qu. 16 art. I,3; II,2; qu. 21 art. II,1). Como nos recorda J.L. IDÍGORAS, «Verdade», In: *Vocabulário para a América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, pp. 531-536, aqui p. 532, aqui «costuma-se definir a verdade como adequação do pensamento à realidade, isto é, quando a mente consegue captar o objeto em sua realidade, dele desenvolvendo uma imagem autêntica para si. Daí a necessidade de aperfeiçoar os recursos cognoscitivos para conseguir captar as coisas como elas realmente são».

A noção bíblica da *verdade*, muito mais que uma simples concepção teórica, é uma concepção existencial e corresponde a um desejo prático de conhecimento para a vida e se baseia numa experiência religiosa, que é aquela experiência concreta do encontro com Deus. É muito menos científica e mais pessoal³. No entanto, na própria Sagrada Escritura, a noção passou por uma evolução: enquanto no AT a *verdade* é antes de tudo a *fidelidade à Aliança*, no NT ela se tornará a plenitude da Revelação centrada em Cristo, relacionada com a Lei e com a Palavra de Deus.

1.1. A base antigo-testamentária de ἀλήθεια

O conceito bíblico antigo testamentário de «*verdade*», que é um conceito tipicamente semítico⁴, é algo completamente diverso daquele corrente que conhecemos e usamos em nossas línguas modernas. Para a Bíblia trata-se de um conceito de relação prática e não de uma ideia tipicamente abstrata⁵.

Na língua do AT a palavra *ěmet*⁶, que no grego tem como equivalente ἀλήθεια, ocorre 126 vezes⁷, deriva do verbo *āman*⁸, é usada em seu sentido abso-

³ J.L. IDÍGORAS, «Verdade», p. 532: «[...] a verdade é fundamentalmente a fidelidade de um ser que corresponde à sua promessa».

⁴ Para toda esta problemática remetemos à leitura dos belíssimos verbetes de R. Bultmann, «ἀλήθεια». In: G. KITTEL – G. FRIEDRICH (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I, Brescia, Paideia, 1965, pp. 640-673, e de A.C. THISELTON, «ἀλήθεια». In: L. COENEN – C. BROEN, *Dicionário Internacional de Teologia para o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, pp. 2601-2631, onde os autores trabalham melhor esta questão. Este último trabalha, inclusive, a temática na filosofia e na teologia, desde o período antigo até o contemporâneo.

⁵ H.-G. LINK, «ἀλήθεια». In: L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD (org.), *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1976, pp. 1661-1975, aqui p. 1966: «[...] secondo la concezione veterotestamentaria, la verità non è un concetto ontologico, ma di relazione. Verità non significa essere-in-se-e-per-se, ma la fiducia che danno cose, dati di fatto, uomini oppure Jahvé. La verità non è qualcosa di astratto. È un avvenimento contingente».

⁶ Alguns afirmam que a origem da palavra *ěmet*, para se chegar a uma explicação do *ěmet* divino, estaria baseada sobre as iniciais de *ělohim melek tamid* («Deus, o rei imortal»); que ignora, porém, toda ligação com a noção antigo testamentária. Para tanto cf. G. Kittel, «ἀλήθεια», In: G. KITTEL – G. FRIEDRICH (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 638-639, aqui p. 639; H.-G. Link, «ἀλήθεια», p. 1966.

⁷ G. QUELL, «ἀλήθεια». In: G. KITTEL – G. FRIEDRICH (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 625-638, aqui pp. 625-626.

⁸ O Qal de *āman* pode muito bem significar «apoiar» ou «sustentar» (Nm 11,12); O Niphal *neēmān* indica muito raramente «ser capaz», no passivo (Is 60,4), e muito mais para «mostra-se digno de fé» (Is 22,23); também é usado para falar de uma estaca firmemente fixa (Is 22,23.25), ao passo que o substantivo *ōmnāh* significa um «poste» ou «pilar» sobre o qual uma estrutura

luto para indicar algo que deve ser considerado como um *’āmēn*⁹, ou seja, válido, seguro, vinculante, digno de fé e, por consequência, verdade, e normalmente vem usada no feminino¹⁰. Se referido a pessoas, um *’iš ʔemet* é um homem que segue constantemente a norma da *verdade*, um homem veraz¹¹. Se no sentido jurídico, um *derek ʔemet* significa um «caminho justo» (Gn 24,48); uma *ʔemet nākōn* significa uma «realidade de fato» (Dt 13,15); uma *ʔemet hādābar* significa «as coisas que estão efetivamente» (Est 9,30).

A *verdade* é, pois, a qualidade do que é estável, comprovado, aquilo sobre o que se pode apoiar. Neste sentido, por exemplo, uma paz de *verdade* é uma paz firme, durável (Jr 13,14); um caminho de *verdade* é um caminho que leva seguramente à meta almejada (Gn 24,48); um homem de *verdade* é um homem em quem se pode confiar (Ex 18,21; Ne 7,2); «em *verdade*» pode significar de modo estável, para sempre (Is 16,5). Aplicado a Deus ou aos homens este mesmo termo pode ser traduzido por «fidelidade», visto que é a fidelidade de alguém que nos leva a reder-lhe confiança. Se na esfera profana, o que está em jogo é sempre uma garantia de uma certeza prática, que é fiável e conferível.

pode apoiar-se (2Rs 18,16). De tal forma que a primeira ideia que nos vêm em mente é de que existe uma ideia de «firmeza». O adjetivo *āmēn* vem usado para confirmar, nas ocasiões solenes, a validade de um pronunciamento (de uma palavra), seja presente ou futuro (1Rs 1,36). Já o hiphil causativo *heēmīn* (na LXX *pistúein*) significa «reconhecer como seguro», «confiar em alguma coisa» (Is 7,9). Olhando para a duração do tempo em que Moisés ficou, em oração, com seus braços erguidos podemos traduzir *ʔemunah* por «duração ou resistência» (Ex 17,12). A palavra *ʔemunah* não indica, originariamente, um modo de ser das coisas e sim um comportamento humano ou divino em relação a outras pessoas. Os dois substantivos *ʔemunah* e *ʔemet* a LXX traduz normalmente com duas palavras *pistis* e *alētheia*, que poderíamos traduzir como «fidelidade e verdade» ou tão somente «verdade». Uma outra palavra que a LXX também traduz o *ʔemet* é *δικαιοσύνη*, justificação, justiça etc. Isso depende muito do contexto, para poder ver o motivo do porque a LXX preferira uma ou a outra palavra.

⁹ Confira o amém litúrgico, por exemplo, de 2Cor 1,20, onde lemos: «Todas as promessas de Deus encontraram nele o seu sim: por isto, é por ele que dizemos ἀμήν a Deus para glória de Deus».

¹⁰ G. QUELL, «ἀλήθεια», p. 627: «Il sostantivo *ʔemet*, usato di regola al femminile (per Deut. 13,15; 17,4), è stato derivato dalla radice *ʔmn*, “essere saldo”, alla guisa dei nomi segolati femminili, assimilando la consonante *n* all’affirmativo femminile *t*. Questa derivazione traspare chiaramente dai casi in cui la parola è unita ad un suffisso, come *ʔmittō*. La traslitterazione esalare ημεθ (Ps. 31,6) sembra accennare ad una quantità della prima sillaba che nel TM è andata perduta. Molto vaga è l’ipotesi che l’ultima sillaba sia stata vocalizzata col *segol* per differenziare la parola da *ʔamat*, stato costruito di *ʔmā*, “serva” ed evitare così la confusione tra un concetto assunto nel linguaggio religioso e un altro meramente profano».

¹¹ O contrário de *ʔemet* é *ʔequer*, inconsistência, nulidade, mentira; *ʔawlā*, perversão, corrupção etc (cf. Ml 2,6; Pr 11,18; 12,19; Jr 9,4) enquanto que a antítese com *rsʔ* (Ne 9,33) nos leva decisivamente para a esfera religiosa. Para tanto confira G. Quell, «ἀλήθεια», p. 635. Além de que a proibição da mentira encontra-se entre os preceitos divinos do Decálogo (Ex 20,16; Dt 19,16s), sobretudo quando se trata de testemunho em julgamento (Pr 12,17; Zc 8,17).

Na maioria das vezes, o termo *ěmet* pertence à linguagem religiosa. E neste sentido a *ěmet* de Deus não é uma noção abstrata da sua essência, mas uma característica da sua intervenção na história da salvação, especialmente na conclusão da Aliança com Israel. *Ihwh* é o Deus fiel, é aquele que mantém suas promessas, aquele cuja firmeza se assemelha à da rocha inabalável (Dt 7,9; 32,4; Sl 31,6; Tb 14,4; Is 40,8; 49,7; Ml 3,6) porque, apesar das infidelidades humanas, ele continua fiel à sua Aliança e às suas promessas de salvação. *Ihwh* é o modelo primordial da *verdade*. Ao contrário dos homens, que são enganadores e falsos, capazes de não cumprir suas promessas (Sl 116,11; 59,13; Jr 9,1-5; 17,5). Os homens devem imitar a *Ihwh*, tornando-se homens da *verdade* (Ex 18,21), ou seja, fiéis à Aliança feita com Deus e às alianças com os homens (Jr 24,14-15; 2Cr 31,20).

As palavras de *Ihwh* são *ěmet*, pois garantem, por exemplo, a Davi a perpetuidade da sua casa e Davi não tem outra atitude senão dizer a *Ihwh* «הַאֱלֹהִים וּדְבָרֶיךָ יְהוָה אֱמֶת»; *Ihwh* as tuas palavras são *verdade*» (2Sm 7,28). Os salmos cantam muitas vezes a *verdade* da lei divina (Sl 19,10; 111,7s; 119,86.138.142.151.160). Assim como Davi, todos os homens são chamados a reconhecer a «*verdade* de Deus» e a agirem com fidelidade à Aliança e à Lei divina.

Igualmente quando a noção de *verdade* é aplicada aos homens, a ideia de fidelidade continua fundamental. Normalmente trata-se da fidelidade de Israel à Aliança e à Lei de *Ihwh*, bem como uma resposta fiel, do ser humano, à proposta do Deus pleno de fidelidade, adquirindo aqui um sentido moral, abrangendo tudo o que a lei prescreve e pede para que o homem possa viver na *ěmet* de Deus.

Um paralelo à *verdade* pode ser a «sinceridade do coração» (2Rs 20,3), o «bom e direito» (2Cr 31,20), a «justiça e honestidade» (Is 59,14) e a «santidade» (Zc 8,3). Se se quer descrever a conduta de quem observa fielmente a lei do Senhor, encontramos as expressões: «caminhar na *verdade*» (1Rs 2,4; 3,6; 2Rs 20,3; Is 38,1-3) e «fazer a *verdade*» (2Cr 31,20; Tb 4,6; 13,6; Ez 18,9; 26,10).

Referindo-se a *Ihwh*, no AT, podemos encontrar juntas as palavras *hesed* e *ěmet* (Sl 25,10; 26,3; 40,11s; 57,4.11; 61,8; 69,14; 85,11; 86,15; 89,15; 108,5; 115,1; 117,2; 138,2); *hesed* e *ěmūnā* (Sl 36,6; 88,12; 89,2s.25.34; 92,3; 100,5). Ambas as expressões derivam-se da raiz *mn*, «ser firme, duradouro, seguro». Com isso podemos afirmar que *Ihwh* é um Deus rico em *hesed* e *ěmet* (וְרַב־חֶסֶד וְאֱמֶת: Ex 34,6), que possui enormemente a bondade e a *verdade*, a veracidade e a constância em sua palavra e ação. O profeta, por exemplo, como homem de Deus e

mestre da justiça, da *verdade* e da bondade, deveria revelar na vida das pessoas e para as pessoas estes atributos divinos, ou seja, um Deus «rico em misericórdia e bondade», ou ainda, se se preferir, «rico em misericórdia e justiça».

Finalmente, *Ihwh* é o Deus fiel e sua fidelidade é como que um escudo, uma proteção segura para quem nele deposita sua confiança (Sl 91,4). As decisões de *Ihwh* são *ěmet* (Sl 19,10), suas disposições transmitem a verdadeira piedade e asseguram o que afirmam (Sl 19,12), e quem caminha em sua *ěmet* tem saúde (Sl 25,4s). Suas promessas não enganam e sua *ěmet* se fundamenta nos céus (Sl 89,3), ou seja, têm a firmeza do firmamento e asseguram sua proteção ininterrupta (Sl 89,25; Mq 7,19s), visto que não mente e nem se arrepende (1Sm 15,29; Nm 23,19; Sl 110,4: «O Senhor Jurou e não desmentirá»).

Na literatura *sapiencial* e na *apocalíptica*¹² a *palavra* ganha um sentido totalmente novo, que já começa a preparar o sentido que encontramos no NT: a *verdade* está muitas vezes em paralelismo com os termos segredo ou sabedoria. Trata-se da revelação de Deus, através da qual ele, a *verdade* suprema, se aproxima dos homens, tornando-os partícipes de sua suprema realidade. Por isso, muitas vezes, a *verdade* é a revelação dos mistérios divinos (Tb 12,11; Sb 6,22) ou mesmo a doutrina revelada da sabedoria (Pr 23,23; Ecl 12,10; Eclo 4,28). Deus comunica-se através das suas obras de Salvação e o que comunica é *verdadeiro*. Nesta literatura é que encontramos o chamado «Livro da *Verdade*» (Dn 10,21), ou seja, o livro divino em que Deus descreve o seu plano salvífico. Os justos conhecerão, num julgamento escatológico, a *verdade* de Deus e poderão contemplar o seu plano divino de salvação (Sb 2,22; 3,9; 4,17; 5,2). É bom termos presente também que na literatura *sapiencial*, a *palavra* *ěmet* é usada, muitas vezes, no sentido de «fidelidade» (Pr 3,3; 16,6). Mas talvez muito mais no contexto do contraste entre a *verdade* e a falsidade ou mentira, engano. Uma boca veraz deve proclamar sempre a *verdade* em contraste com o engano, a mentira, para que o falso testemunho seja desmascarado (Pr 8,7; 12,19; 22,21). A *verdade* nunca poderá ser comprada (Pr 23,23), caso contrário não contará com nenhuma estabilidade e confiabilidade.

¹² Já para o judaísmo tardio temos uma noção de verdade que é aquela que vamos encontrar no NT, e que inclusive vai preparar a passagem do AT para o NT. É o que nos afirma G. KITTEL, «ἀλήθεια», 637: «L'uso rabbinico di *ěmet* (oppure *qúštā*) è sostanzialmente conforme a quello veterotestamentario. Come nell'AT infatti la parola è usata anzitutto per indicare un particolare atteggiamento umano e di qui assurge a designazione di un attributo della divinità».

Em *Qumrân*¹³, por sua vez, a *verdade* designa o conjunto das concepções religiosas dos filhos da Aliança, do resto de Israel. Por isso, «a inteligência da *verdade* de Deus» é o conhecimento dos mistérios (Hinos de Qumrân, 1QH 7,26), mas esta se obtém pela interpretação verdadeira da Lei: «converter-se à *verdade*» (Manual de Disciplina, 1QS 6,15) é «converter-se à Lei de Moisés» (5,8). Sobretudo nos Hinos de Ações de Graças, «Deus é o Deus da *verdade*» (1QH 15,25), e a frase a «*verdade* de Deus» também ocorre (1QS 3,6; 11,4; 1QM 4,6). Doutrina revelada, a *verdade* tem também um alcance moral, contrapõe-se à iniquidade; «os filhos da *verdade*» (4,5) são os que seguem «os caminhos da *verdade*» (4,17) e os filhos da iniquidade são os que dela se desviam ou se distanciam. Entrar para a comunidade de *Qumrân* é converter-se para a *verdade* (1QS 6,15) e os iniciados obrigam-se, por juramento, a obedecer aos preceitos da *verdade* (1QS 1,15). Uma vez entrados na comunidade estes estão dentro da esfera da influência do espírito da *verdade* (1QS 3,24). O homem que é dominado por este espírito ama a *verdade* (1QS 4,17.24). A *verdade* purifica o homem do pecado e este cresce em seu conhecimento, e no fim dos tempos todas as mentiras serão abolidas (1QS 4,20-21; 9,17). Um membro da comunidade não pode ter relações duplas e duvidosas, ele deve praticar a *verdade* (1QS 1,5; 5,4; 8,2). Se o homem age de forma dupla e tem coração dividido entre a *verdade* e a mentira, ele nunca será de fato da *verdade*. Se o homem abraça a *verdade* de Deus ele tem singeleza de coração (1QH 4,14; 16,17). Finalmente, os membros da comunidade são «testemunhas da *verdade*» (1QS 8,6).

1.2. A noção de ἀλήθεια no Novo Testamento

O uso neo-testamentário de ἀλήθεια, de ἀληθως e de ἀληθής, exprime quer o termo hebraico *ěmet*, e seus afins, quer o uso do grego clássico do termo. Num certo sentido também os termos gregos significam o que é real e autêntico, e neste sentido não se diferem dos termos hebraicos. Mas, a grande diferença vem do fato de que para o grego a *verdade* constitui a realidade como pode ser apreendida intelectualmente. Muito mais que acreditada e esperada, como é próprio da noção hebraica, no grego ela é conhecida intelectualmente.

¹³ Para um maior aprofundamento do tema nos escritos do Mar Morto e em Paulo, remetemos ao belíssimo artigo de J. MURPHY- O'CONNOR, «La "vérité" chez Saint Paul et à Qumran». In: *Recherches Bibliques* 72 (1965) 29-76, aqui p. 29ss. Conferir igualmente o texto sobre Paulo e Qumran em F.G. Martínez- J.T. Barrera, *Os homens de Qumran*, Literatura, estrutura e concepções religiosas. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 268; J.T. Barrera, *Paganos, judíos y cristianos en los textos de Qumrán*. Valladolid: Trotta, 1999, pp. 299-300.

Este grupo, referido acima, aparece no NT bem 183 vezes, sendo que mais da metade (109) refere-se somente ao substantivo ἀλήθεια. Basicamente quase todos os escritos do NT, menos ou mais, fazem uso dos termos deste grupo de palavras gregas. Enquanto que quase que não aparece nos sinóticos, no evangelho de João o conceito *verdade* tem um papel central¹⁴, seja do ponto de vista numérico (55) seja do ponto de vista objetivo, como em nenhum outro escrito do NT. Paralelamente entre as cartas, aquelas de João ocupam o primeiro lugar; mas também em São Paulo, sobremaneira em Rm e 2Cor, o conceito «*verdade*» tem um significado determinante. Vamos encontrar estes termos também nas cartas pastorais e em Hb, não aparecendo apenas em Filêmon e Judas.

O NT herdou e desenvolveu as noções de *verdade*, sobretudo do judaísmo tardio. A *verdade* é a fidelidade de Deus que se cumpriu em Cristo Jesus. Cristo é o *āmēn* de todas as promessas de Deus, que vem cumprir em Cristo tudo que anunciara no AT. Mas, a noção mais tipicamente evangélica é aquele da ἀλήθεια como revelação de Deus em Cristo e no Evangelho (2Cor 4,1-2; Rm 16,25-27; Cl 1,25-26)¹⁵.

Nos lábios de Jesus, estes termos ocorrem pouquíssimas vezes (18 vezes nos sinóticos). Bastaria conferir Lc 4,25; 9,27; 12,44; 21,3, inclusive porque se tratam de ocorrências já muito conhecidas como: «em *verdade* vos digo» ou «na *verdade* vos digo», que servem para introduzir declarações, que provavelmente constituem traduções de Lucas para o grego da expressão hebraica *āmēn*. Essas expressões fazem, muito provavelmente, parte das *ipsissima verba Christi*. O fato de que a expressão ἀλήθεια não vem colocada, pelos sinóticos, na boca de Jesus poderia significar que este termo não tinha um papel preponderante nas pregações de Jesus¹⁶.

Nas muitas expressões tais como «falar a *verdade*», «testemunhar a *verdade*» etc., o uso do termo no NT não tem uma força particular (Mc 5,33; Lc 4,25; Jo 5,31; 16,7; 19,35; At 26,25; Rm 9,1; 2Cor 12,6; Tt 1,13). Da mesma maneira, a noção de veracidade ou sinceridade é usada no significado ordinário (Mt 22,16; Mc 12,14; Jo 3,33; 7,18; 8,26; 1Cor 5,8; 2Cor 6,8; 7,14; Fl 1,18). Ao que tudo indica, a «*verdade* do juízo» é a sua justiça (Jo 8,16) e «ser fiel na caridade» é ser justo de caráter e de conduta (Ef 4,16). A Jesus lhe vem dado o título de «*verdadeira* luz» (Jo 1,9), «*verdadeira* videira» (Jo 15,1) e seu corpo é «*verdadeira* comida» e seu sangue é «*verdadeira* bebida» (Jo 6,55).

¹⁴ R. Schnackenburg, *Il Vangelo di Giovanni*, II. Brescia: Paideia, 1973, pp. 356-375.

¹⁵ J.L. Idígoras, «Verdade», p. 532.

¹⁶ H.-G. Link, «ἀλήθεια», p. 1967.

Na *literatura paulina*, nós encontramos a noção de ἀλήθεια basicamente como nós a encontramos na LXX. Paulo a usa no sentido de «sinceridade» (2Cor 7,14; 11,10; Fl 1,8; 1Cor 5,8) ou no sentido de «dizer a verdade» (Rm 9,1; 2Cor 12,6; Ef 4,25; 1Tm 2,7). Paulo deu à Igreja a grande contribuição teológica ao ligar o conceito de *verdade*, de um lado, com a pregação de Cristo e, do outro, com a revelação de Deus¹⁷, revelação que Deus fez de sua vontade ou até mesmo de seu divino ser.

Profundamente bíblica é a noção «a verdade de Deus» justamente para designar a ideia do AT de «fidelidade de Deus às suas promessas» (Rm 3,7; 15,18; 2Cor 1,18s) realizadas em Cristo Jesus. Se aplicada aos homens, ἀλήθεια tem um sentido moral, sendo praticamente sinônimo de honestidade ou justiça (1Cor 13,6; Ef 5,9; 6,14).

Talvez a noção de *verdade* mais tipicamente cristã seja realmente a de «ἡ ἀλήθεια τοῦ εὐαγγελίου» (Gl 2,5.14). É um dos usos mais distintivos que Paulo faz no NT, ou seja, quando usa o termo «a verdade» para designar o próprio Evangelho. Em seu conflito com os judaizantes, o apóstolo fala literalmente: «a verdade do Evangelho» (Gl 2,5.14). Essa noção se liga ao tema sapiencial e apocalíptico da *verdade* revelada. Fala-se da firmeza da *verdade* (Gl 2,5) e se exige uma obediência à *verdade* (Gl 2,14; Rm 2,8); trata-se de um cumprir a *verdade* que exige obediência (1Cor 13,6; 2Cor 13,8; Gl 5,7). Por isso mesmo, a *verdade* em Paulo está em contraste com a mentira ou o logro. A *verdade* divina existe em contraste com a idolatria, precisamente porque a idolatria é logro e ilusão (Rm 1,25; 9,1; 2Cor 7,14).

Os judeus sempre foram muito orgulhosos de terem na sua Lei a expressão mesma da «verdade de Deus» (Rm 2,20) e de nela encontrar compilada toda «a vontade de Deus» (Rm 2,18). O apóstolo substituiu a expressão judaica «a verdade da Lei» por «a verdade do Evangelho» (Gl 2,5.14) ou «a palavra da verdade» (Cl 1,5; Ef 1,13; 2Tm 2,15; 2Cor 6,7). Paulo recebeu da tradição da Igreja Primitiva, que lhe transmitiu que Cristo é a *verdade* do Pai. Não nos esqueçamos de que o próprio Jesus, no *prólogo de João*, é aquele por meio do qual nos é dada “a graça e a verdade” (Jo 1,14.17), ou ainda que João Batista veio para dar testemunho de Jesus, como sendo a “Verdade”; além de que o próprio Cristo se autointitula “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). E a *Palavra de Deus*, pregada por Paulo, seguindo a pregação de Jesus, que anuncia o Reino, em obediência ao Pai (Jo 4,34; 5,30; 6,38 etc.), é objeto da revelação (2Cor 2,2-5). A «verdade» que o após-

¹⁷ H.-G. Link, «ἀλήθεια», p. 1968.

tolo prega não é outra senão a mensagem de Jesus morto e ressuscitado e, por isso mesmo, ele afirma que «a *verdade* está em Jesus» (Ef 4,21), usando o verbo “εἶμι”, no grego, dando a entender que realmente “Jesus é a verdade”. Chegar ao conhecimento da *verdade*, nas epístolas posteriores, seria o mesmo que aceitar o *evangelho* ou tornar-se cristão (1Tm 2,4; 2Tm 3,7; Hb 10,26). É claro que para tornar-se cristão são necessárias a conversão e a aceitação do *evangelho* pela fé (Rm 2,8; Gl 5,7; 2Ts 2,13; Tt 1,1). Aqui a *verdade* ganha a matiz de sã doutrina (1Tm 1,10; 4,6; 2Tm 4,3; Tt 1,9; 2,1).

Paulo é aquele que crê profundamente no poder da *verdade*. Ela desmascara a mentira (Rm 3,4). O amor à *verdade* chega a levar à Salvação (2Ts 2,10), para quem a ela se dedica totalmente. Encontrar-se com a *verdade* de Cristo significa mudar de vida e deixar para trás todos os falsos enganos e ilusões (Ef 4,21-22). Em 2Cor 6,7 «a palavra de Deus» refere-se ao poder de Deus e às suas armas da justiça. Além de que a «*verdade*» faz parte da armadura do cristão (Ef 6,14).

É justamente na literatura joanina que temos o maior número de ocorrências da noção de «ἀλήθεια»¹⁸; é ela essencialmente uma teologia da revelação. Por isso mesmo que alguns teólogos como Bultmann¹⁹ e Dodd²⁰ julgaram ter que buscar a sua origem no mundo helênico ou gnóstico, como que querendo ver em João uma designação da *verdade* como o próprio ser de Deus, a realidade que se desvela ao homem. João, porém, jamais denomina o próprio Deus com a palavra «*verdade*»²¹, o que estaria plenamente de acordo com tais sistemas. Na realidade, João, permanece na linha das literaturas apocalíptica e sapiencial judaicas, bem como da linguagem do cristianismo primitivo, insistindo sobremaneira no caráter revelado e na força interior da *verdade*²².

¹⁸ Das 109 ocorrências de ἀλήθεια quase metade aparece nos escritos joaninos: 25 vezes no Evangelho e 20 vezes nas Epístolas de João. Ἀληθής é usado 17 vezes de um total de 26 ocorrências no NT; ao passo que das 28 vezes em que aparece Ἀληθινός, em todo o NT, 23 vezes dá-se justamente em João, inclusive 10 vezes no Apocalipse. Numa contagem geral, portanto, mais da metade das ocorrências de todas as 3 palavras no NT dá-se nos escritos joaninos.

¹⁹ R. BULTMANN, «ἀλήθεια», pp. 640-673.

²⁰ C.H. Dodd, *Interpretación del Cuarto Evangelio*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1978, pp. 178-186.

²¹ Embora a expressão «Deus é a verdade» não apareça formalmente como tal em João, os escritos joaninos afirmam de modo análogo que Deus e só Deus é a verdade.

²² R. Bultmann, «ἀλήθεια», p. 658: «Negli scritti giovannei ἀλήθεια indica la sfera del divino in quanto 1) è contrapposta alla sfera demoniaca di cui è prigioniero l'uomo in seguito al peccato, 2) manifesta se stessa ossia è anche rivelazione. In questo Giovanni collima con il dualismo ellenistico-gnostico, ma se ne distacca per il fatto che egli non concepisce il dualismo fra ἀλήθεια e ψεῦδος (fra il principio divino e quello demoniaco) in senso cosmologico pur esprimendolo talvolta in forma mitica (Jo 8,44), anzi non intende nemmeno ἀλήθεια e ψεῦδος come realtà sostanziali, ma soltanto come pure possibilità dell'esistenza umana. Analogamente la rivelazione è una parola che si ascolta ossia è anch'essa una possibilità offerta all'uomo».

Para João a ἀλήθεια é a palavra do Pai (Jo 17,17; 1Jo 1,8.10), que Cristo ouviu do próprio Pai e veio proclamar (Jo 8,40.45s) e da qual ele veio para dar testemunho (Jo 5,33; 18,37). A ἀλήθεια vem a ser, portanto, ao mesmo tempo, a palavra que o próprio Cristo nos dirige e a que deve nos levar a crer nele (Jo 8,31.45). A diferença entre essa revelação e a do AT é por João fortemente sublinhada nos seguintes termos: «ὅτι ὁ νόμος διὰ Μωϋσέως ἐδόθη, ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐγένετο» (Jo 1,17), pois com Cristo e em Cristo temos a revelação plena e definitiva, já como realidade para a humanidade. Cristo é cheio de graça e *verdade* (Jo 1,14) e pode dizer de si mesmo «ἐγὼ εἶμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ» (Jo 14,6). Porém, a *verdade* que Jesus anuncia e incorpora, não nasce dele, mas tem a sua origem em Deus (Jo 8,40), deve dar testemunho da *verdade*²³ (Jo 18,37) e se alguém quiser conhecer a *verdade* isto é possível somente por meio de Cristo, visto que o Deus invisível revelou-se em Jesus²⁴ (Jo 1,18). A lei continha a expressão e a formulação de conhecimento e *verdade*, mas é Jesus Cristo que é a *verdade* e nele está a *verdade* (Ef 4,21). E nós não podemos fazer nada contra a *verdade*, pelo contrário, nós estamos a serviço da *verdade* (2Cor 13,18).

Atenção especial em João pode ser dada ao prólogo²⁵ de seu evangelho, visto que ali temos expressões caras a Jesus: «πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας» (Jo 1,14) e «ἡ χάρις καὶ ἡ ἀλήθεια» (Jo 1,17). A base antigo-testamentária para estes dois versículos estaria em Ex 34,6: «Ihweh! Ihweh... Deus compassivo e piedoso, lento para a cólera e rico em amor e fidelidade»²⁶.

Em João ἀλήθεια e ἀληθής significam *verdade* em contraste com a mentira. É neste sentido que a mulher Samaritana fala da *verdade* da sua situação conjugal (Jo 4,18) e João afirma que Jesus é a *verdade* (Jo 10,41). Em Jo 8,44-45 a *verdade* falada por Jesus é colocada em contraste com a mentira falada pelo diabo, visto que o diabo é homicida e nele não existe a *verdade*. É por isso que o diabo não pode perseverar na *verdade*, porque nele não há *verdade* (Jo 8,44).

²³ Do fato que Jesus veio para dar testemunho da verdade é que Pilatos termina seu interrogatório fazendo-lhe a seguinte pergunta: «τί ἐστιν ἀλήθεια;» (Jo 18,38).

²⁴ J. L. Idígoras, «Verdade», 532: «São João desenvolve ainda mais amplamente o tema da verdade, mostrando que a palavra de Deus é uma pessoa, Cristo, a verdade e o caminho para os homens (Jo 1,18; 14,6-7). Não é uma verdade teórica, mas sim uma verdade viva, através da qual se torna patente o mistério inacessível de Deus (Jo 14,8)».

²⁵ R. Schnackenburg, *Il Vangelo di Giovanni*, I, Brescia: Paideia, 1973, pp. 275-356; C.H. Dodd, *Interpretación del Cuarto Evangelio*, pp. 294-298.

²⁶ Ex 34,6, TM: חַיִּים וְרַחֲמִים רַבִּים וְאֱמֶתֶת אֱלֹהִים אֱלֹהֵינוּ אֱלֹהֵי אֲבוֹתֵינוּ אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל וְלXX: Κύριος ὁ Θεὸς οἰκτίρμων καὶ ἐλεήμων μακρόθυμος καὶ πολυέλεος καὶ ἀληθινός.

Em 1Jo 2,4; 2,21.27 lemos que mentiroso é aquele que não fala a *verdade*. Não ter a *verdade* é ser enganado e enganador (1Jo 1,8).

O Jesus de João veio para dar testemunho da *verdade* e quem é da *verdade* escuta a sua voz (Jo 18,37). O próprio Jesus reza para que seus discípulos sejam santificados na *verdade*, que é a palavra do Pai (Jo 17,17-19). Os *verdadeiros* adoradores adorarão o Pai em espírito e *verdade* (Jo 4,23) e o Espírito que Jesus envia é o Espírito da *verdade*, que instruirá os discípulos sobre toda a *verdade* (Jo 14,17; 15,26; 16,13). O próprio Espírito também é chamado de «a *verdade*» (1Jo 5,6): pela sua atuação os fiéis poderão assimilar «a *verdade*» de Cristo (1Jo 2,20.27). Os fiéis serão cada vez mais da *verdade* e nela permanecerão se obedecerem a *verdade* de Cristo (Jo 18,37; 1Jo 3,19). Os fiéis são chamados a caminharem na *verdade* e a deixarem se guiar por ela, ou seja a fazer da *verdade* de Cristo a única norma de vida após sua conversão (2Jo 3.4s) e tornarem-se *cooperatores veritatis* (3Jo 8).

2. A Noção Bíblica de εὐαγγέλιον

2.1. A base antigo-testamentária de εὐαγγέλιον

O termo «*evangelho*» em português e nas línguas modernas, em geral, resulta da transliteração da palavra grega εὐαγγέλιον²⁷, um adjetivo substantivado, que significa «boa notícia», «boa nova», «feliz anúncio». De fato, a palavra é composta de *eu* (bem ou bom) e de *ángelos* (mensageiro, anúncio), de onde temos o verbo *anghéllein* (anunciar).

Um εὐαγγέλός é sempre um «mensageiro» que traz uma notícia de vitória ou quaisquer outras notícias políticas ou pessoais que trazem alegria. O substantivo εὐαγγέλιον significava originariamente, a «recompensa» que se dava ao mensageiro que trazia a boa notícia da vitória, visto que esta trazia alegria e, por isso mesmo, era recompensado, ou poderia significar a própria «mensagem», principalmente um termo técnico para mensagem da vitória, sempre com conotação de algo que traz alegria²⁸.

²⁷ εὐαγγέλιον (*euangelion*), «boas novas», «evangelho»; εὐαγγερίζω (*euangelizo*), «trazer ou anunciar boas novas», «proclamar», «pregar»; εὐαγγελίζομαι (*euangelizomai*), «trazer boas novas», «proclamar boas notícias», «proclamar», «pregar»; εὐαγγελιστές (*euangelistes*), «proclamador das boas novas do evangelho», «evangelista».

²⁸ U. Becker, «εὐαγγέλιον». In: L. COENEN – C. BROWN, *Dicionário Internacional de Teologia para o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, pp. 757-765, p. 758.

Para nós cristãos, acostumados a ouvir a proclamação dos Evangelhos nas celebrações de que tomamos parte, a palavra «*Evangelho*» significa tanto o escrito que narra a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, bem como a passagem que dele se lê em cada celebração. No grego profano εὐαγγέλιον significa boa nova, particularmente anúncio de vitória. Assim, por exemplo, a paz romana e tantos outros eventos da vida romana, como o nascimento do imperador, eram celebrados como evangelhos na vida do império²⁹. Contudo, mesmo conservando a ideia de *besōrah* do AT, foi, contudo, do NT que o linguajar cristão tomou emprestado o verbo «evangelizar», com o sentido especial que ele ali já tinha: anunciar a salvação. Porém vale a pena conferir o significado da palavra e suas ocorrências no AT, que se apresenta sempre no plural³⁰ e nunca no singular, como encontramos no NT. Já o uso do termo no plural «*evangelhos*», como conhecemos, para indicar os 4 primeiros livros do NT, nunca o encontramos no NT, mas dá-se com Justino Mártir, no século II d.C (*Justino, Apologia*, 1,66 e *Ep. Diogn.* 11,6). E deste momento em diante passou a designar «um tipo de literatura, que estava sem paralelo no mundo do NT»³¹.

O hebraico possuía a palavra *besōrah* para designar o anúncio de boas novas, quer da vida privada, quer da nacional: a morte de um inimigo, por exemplo, em 2Sm 18,19-26; a vitória (Sl 68,12); a salvação de Judá (Na 2,1). Mas havia sempre um significado político e não religioso. Já o verbo é *baššer* («בַּשֵּׂר»), na sua forma intensiva *bašar*, significa «anunciar uma boa notícia». A forma mais freqüente, porém, é aquela de *mebaššer* (particípio substantival), traduzida no grego por *euanghelizómenos* «mensageiros das boas notícias». Na boca de Deus este «*evangelho*» possui uma força inigualável, eficaz, visto que Deus fala e tudo passa a existir: יהי הוּא אֱמַר יְהי הוּא צְוָה וַיֵּעֲמַד (Sl 33,9: «porque ele diz e a coisa acontece; ele ordena e ela passa a existir»).

Nos *livros sapienciais*, por exemplo, este vocábulo aparece em contextos profanos como o anúncio da vitória ou da morte de um personagem importante: morte de Saul (1Sm 31,9; 2Sm 1,20; 4,10); morte do filho do rei (2Sm 18,19-20.27.31); a sucessão ao trono de Davi (1 Rs 1,42). O mesmo vale para os substantivos mais raros *euanghélion* e *euanghelía*, que traduzem o termo hebraico

²⁹ U. Becker, «εὐαγγέλιον», p. 758.

³⁰ G. Segalla, *Evangelo e Vangeli*. Bologna: EDB, 2003. O autor trabalha a questão como se apresenta no AT e no NT. Indicamos a leitura, sobremaneira, das páginas introdutórias, que vão de 7-20, onde encontramos a origem do termo quer no AT quer no NT, quer para o mundo palestino quer para o helênico.

³¹ U. Becker, «εὐαγγέλιον», p. 764.

besōrah, «feliz anúncio», que já por sua raiz *bśr* denota um conteúdo de algo «bom». Por isso mesmo onde *tōb* vem colocado junto, este não passa de uma ênfase maior ainda do significado³². Mas a palavra por si só denota o significado de alguma coisa feliz e não necessita de reforços para transmitir o seu significado.

A conotação religiosa para este termo hebraico vai aparecer dentro da *literatura profética* e dos *salmos*. Na literatura dos Salmos, por exemplo lemos em Sl 68,12: «O Senhor deu uma ordem, grande era o exército dos que anunciavam as boas novas». Outro salmo em que encontramos a expressão é em 40,10, onde o fiel, depois de ter experimentado a intervenção de Deus, proclama a sua justiça na grande assembléia³³.

A palavra *besōrah*, no contexto *profético*, vai assumir um significado religioso em Is 40-66³⁴. O «mensageiro da boa-nova», anuncia, juntamente com o fim do exílio, a vinda do reino de Deus em Is 52,7: «Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!»³⁵. A mensagem que vem anunciada por este mensageiro é uma mensagem de consolação, perdão do pecado, retorno de Deus a Sião (40,1-9). Esta boa notícia (*besōrah*) constitui uma força divina em ação (52,1). Anunciada sobre o monte (40,9), ela vem endereçada e interessa a todas as nações (52,10). Esta vem como que um anúncio que transpõe os limites do tempo. Muito mais que um simples retorno do exílio, a *besōrah* anuncia a vitória e o reino definitivos de Deus. Mas é importante que tenhamos claro que o uso antigo testamentário é basicamente político e no plural. Na LXX o mensageiro de «boas novas» não vem nunca chamado de εὐάγγελος, mas sim de εὐαγγελιζόμενος, e vem considerado como tradução literal de *bemaśser*³⁶, *embora com um significado atenuado em sua eficácia*³⁷.

³² G. FRIEDRICH, «εὐαγγέλιον», p. 1043: «Per lo più, tuttavia, *bśr* ha il significato particolare di annunciare qualcosa di gioioso, senza bisogno dell'aggiunta di *tōb*».

³³ G. FRIEDRICH, «εὐαγγέλιον». In: G. KITTEL – G. FRIEDRICH (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 1023-1106, onde encontramos uma boa explanação da temática feita por este autor, tanto no AT como no NT, bem como na literatura grega extra-bíblica, como *Filon de Alexandria* e *Flávio Josefo*, que se movem no âmbito do pensamento grego.

³⁴ L. Goppelt, *Teologia do NT*. São Paulo: Teológica-Paulus, 2003, p. 354; J.D.G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2013, pp. 207-208.

³⁵ Is 52,7, TM: אָמַר לְצִיּוֹן מְלֵךְ אֱלֹהִים: מַה נָּאוּ עַל-הַהַרִים רַגְלֵי מְבַשֵּׂר מִשְׁמִיעַ שְׁלוֹם מְבַשֵּׂר טוֹב מִשְׁמִיעַ וְיִשְׁעֵי וְיִשְׁעֵי e LXX: ὡς ὦρα ἐπὶ τῶν ὀρέων ὡς πόδες εὐαγγελιζομένου ἀκοῆν εἰρήνης ὡς εὐαγγελιζόμενος ἀγαθὰ ὅτι ἀκουστὴν ποιήσω τὴν σωτηρίαν σου λέγων Σιων βασιλεύσει σου ὁ Θεός.

³⁶ G. FRIEDRICH, «εὐαγγέλιον», pp. 1037-1038.

³⁷ U. Becker, «εὐαγγέλιον», p. 759: «Quando a LXX foi traduzida, já não se entendia este conceito do mensageiro das boas novas, com uma palavra poderosa e eficaz, e foi enfraquecido o sentido.

2.2. A noção de εὐαγγέλιον no Novo Testamento

Mesmo que no AT nós não encontremos a palavra no singular³⁸, com o sentido que temos no NT, é possível dizer que o fundo religioso permanece aquele da ideia de uma «coisa boa», de uma «boa notícia» que nos transmite a *besōrah*³⁹ antigo testamentária. É bem provável que o uso neo-testamentário tenha sua origem na ideia romana do período imperial para se anunciar um herdeiro do César ou a ascensão de um César ao poder⁴⁰.

O mais comum no NT é encontrar o termo εὐαγγέλιον na forma absoluta, ou seja, «τὸ εὐαγγέλιον», mas, se por um lado, no AT nós sempre encontramos o termo no plural, por outro lado, no NT, nós nunca encontramos a forma plural «τὰ εὐαγγέλια», e muito menos a palavra «*evangelho*» significando uma recompensa por uma boa mensagem⁴¹.

O termo εὐαγγέλιον, de fato, constitui um *nomen actionis*, que descreve a ação do anúncio, como temos em 2Cor 8,18; 2,12 e Fl 4,3.15, que ressaltam a difusão do «*evangelho* de Cristo», o Nazareno⁴², por entre as comunidades nascentes. Ao ouvirem o anúncio do «*evangelho*» os cristãos primitivos tinham certeza de que estavam ouvindo a boa-nova proclamada por Jesus Cristo.

No lugar das «boas novas» do AT o NT coloca suas próprias «boas novas» sobre o nascimento do verdadeiro e único salvador e da vinda do Reino de

A proclamação da mensagem foi separada da ação que originariamente era diretamente associada com ela».

³⁸ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 207: «Um aspecto que chama a atenção é a ausência do substantivo singular na LXX (e de qualquer equivalente hebraico) e o desconhecimento da forma singular nos textos gregos da época».

³⁹ G. Segalla, *Evangelo e Vangeli*, p. 14: «La comunità primitiva ha definito la predicazione della venuta del regno con *besōrah*, e i membri ellenisti della comunità palestinese l'hanno tradotta in greco con la parola *euaggelion*, per quanto essa non si trovi nella LXX (dove *besōrah* viene resa con *hē aggelia*)».

⁴⁰ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 207: «Para explicar isso, alguns sugeriram que Paulo, ou seus predecessores judeus cristãos de língua grega, adaptaram a forma singular da forma plural mais conhecida “boas notícias”, usada especialmente no contexto do culto a César»; L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 351ss; G. Segalla, *Evangelo e Vangeli*, p. 11ss.

⁴¹ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1071.

⁴² G. Segalla, *Evangelo e Vangeli*, pp. 15-16: «Per i cristiani delle chiese paoline e delle comunità per le quali furono composti i quattro vangeli, la parola “vangelo” faceva pensare istintivamente alla persona di Gesù di Nazaret come a colui che aveva portato agli uomini la salvezza escatologica ed era lui stesso “la buona notizia”: salvezza non legata ad una data (come la nascita dell'imperatore) ma ad un evento, la vittoria sulla morte, sul peccato e sulle potenze del male».

Deus. Dunn chega a falar que «estamos diante de um neologismo»⁴³. Mais ainda, Dunn chega a afirmar que «para ser mais preciso, é muito provável que foi o próprio Paulo quem cunhou *euangelion* como um novo termo técnico para a sua própria proclamação»⁴⁴. Goppelt, por sua vez, diz que «tanto o verbo *euangelizesthai* como o substantivo *euangelion* haviam se tornando termos religiosos muito antes de Paulo, entre helenistas e judeus, e tanto mais entre cristãos»⁴⁵. Mas permanece como algo a ser estudado e esclarecido no futuro.

A nossa ideia aqui é a de dedicar o nosso tempo e espaço ao estudo do termo dentro da literatura neo-testamentária em geral, dando um peso maior ao *Corpus Paulinum*, visto o emprego destes dois termos na literatura paulina na inculturação do Evangelho para além do judaísmo. Para os interessados em um mais amplo conhecimento do termo «*evangelho*» nos sinóticos, nas cartas católicas e na literatura joanina, remetemos à bibliografia por nós consultada e elencada no final ou nas notas de rodapé deste item sobre o termo no NT⁴⁶, além de que, como nos afirma Becker, Marcos foi «quem introduziu esta palavra (adotando-a talvez de Paulo) na tradição sinótica. Mateus e Lucas dependem dele, embora modifiquem as ideias dele. Marcos, como Paulo, encara Jesus Cristo como conteúdo e autor do *evangelho*, ao mesmo tempo»⁴⁷.

Embora o verbo *εὐαγγελίζομαι* e o substantivo *εὐαγγέλιον* sejam termos tão importantes dentro do NT, as palavras se acham em vários graus de frequência nos vários escritos ao longo do NT⁴⁸. Mas, o NT nunca usa a

⁴³ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 207: «Evidentemente estamos, então, diante de um neologismo, ou pelo menos da adaptação de um termo para novos usos».

⁴⁴ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 208.

⁴⁵ L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 353.

⁴⁶ Confirma sobremaneira os verbetes de U. Becker, «εὐαγγέλιον»; R. Fabris. «Vangelo». In: P. ROSSANO – G. RAVASI – A. GIRLANDA (org.), *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Cisinello Balsamo, 1988, pp. 1620-1623; G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», entre outros textos citados em nossa referência bibliográfica final.

⁴⁷ U. Becker, «εὐαγγέλιον», p. 762.

⁴⁸ O verbo *εὐαγγελίζομαι* (pregar o evangelho) encontra-se apenas em Mt (1, em Mt 11,5), Lc (10), At (15); em Paulo aparece 21 vezes, de um total de 54 vezes em todo o NT: Rm (3), 1Cor (6), 2Cor (2), Gl (7), Ef (2), 1Ts (1), Hb (2) 1Pd (3). Além disso, *εὐαγγελίζω* aparece duas vezes em Ap. Embora o verbo não ocorra em Mc, o substantivo aparece 8 vezes ali, e 4 vezes em Mt. Lc, porém, revela uma predileção distintiva pela forma verbal *εὐαγγελίζομαι* e emprega o substantivo apenas 2 vezes (At 15,7; 20,4). O substantivo *εὐαγγέλιον* (evangelho) aparece com especial frequência em Paulo (60 vezes, de um total de 76 ocorrências): Mt (4), Mc (8), At (2), Rm (9), 1Cor (8), 2Cor (8), Gl (7), Ef (4), Fl (9), Cl (2), 1Ts (6), 2Ts (2), 1Tm (1), Fm (1), 1Pd (1), Ap (1, em 14,6). No evangelho de João, não temos nenhuma ocorrência nem do verbo e nem do substantivo. Para se ter uma visão mais geral desta questão confira as seguintes obras:

palavra «*evangelho*» para designar um escrito⁴⁹. Este significado aparece somente posteriormente, como já acenamos no item acima⁵⁰. Como bem nos recorda Goppelt, é bem provável que o *Sitz im Leben*⁵¹ de tudo isso, de fato, seja a tradição judaica antiga, centrada na profecia de Isaías⁵². Conzelmann, por sua vez, afirma que o termo conquista um valor muito maior a partir da literatura do Deutero e Trito-Isaías, mas admite que isto tão somente «não explica»⁵³ o seu uso no NT.

Pode se dizer que o uso técnico da palavra, embora não tenha se iniciado com Paulo, tornou-se mais comum e adquiriu um sentido mais definido com este Apóstolo⁵⁴. Além de que se pode realmente afirmar que no NT *evangelho*

H. CONZELMANN, *Teologia del NT*. Brescia, Paideia, 1999, p. 67s; J.D.G. DUNN, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 203s; R. FABRIS. «Vangelo», p. 1621s; J.A. FITZMYER, *Teologia Paulina*. Coleção Cadernos Bíblicos 10. São Paulo: Edições Paulinas, 1970, p. 40s; G. FRIEDRICH, «εὐαγγέλιον», p. 1075s; L. GOPPELT, *Teologia do NT*, p. 351s; G. SEGALLA, *Evangelo e Vangeli*, p. 9s; entre outros.

⁴⁹ O NT usa a palavra «evangelho» somente no singular, indicando a «boa nova» ou o seu conteúdo. No sentido original a palavra não poderia ser usada no plural. Somente com *Justino Mártir*, no séc. II, é que teremos a palavra «evangelhos», no plural, para indicar os 4 primeiros livros do NT, que narram a *vita Iesu* (Apol. 1,66; Dial. 10,2). Com Justino o termo εὐαγγέλιον é usado como noção literária e nome de livro: escritos da Igreja Primitiva que descrevem «todas as ações e ensinamentos de Jesus», como nos atesta Lucas em At 1,1. Desde o princípio a Igreja aceitou apenas quatro «evangelhos» como sendo canônicos: Mt, Mc, Lc e Jo. Essa ordem já se encontra no *cânon Muratori*, isto é, Lc e Jo são mencionados como terceiro e quarto, e, no fragmento perdido, podemos supor Mt e Mc. Essa ordem, que provavelmente corresponde ao tempo de origem, foi e permanece universalmente aceita. É a ordem que se encontra na maior parte dos Manuscritos Gregos; no Codex D e em antigos Manuscritos Latinos os apóstolos são colocados em primeiro lugar: Mt, Jo, Lc e Mc. Mas isso pode indicar uma ideia teológica de defesa e do valor da testemunha dos apóstolos e não uma ordem universalmente aceita desde o início.

⁵⁰ Para se ter uma melhor ideia da formação do *Cânon* do NT confira o texto de B.M. METZGER, *Il canone del NT, Origine, sviluppo e significato*. Brescia: Paideia, 1997, p. 128s, onde o autor trata do desenvolvimento do *Cânon* no Ocidente, e o primeiro autor trabalhado é justamente Justino Mártir.

⁵¹ Realmente é muito importante distinguir bem entre a função de um texto na vida da comunidade (*Sitz im Leben*) e a posição que ele ocupa no marco de uma obra literária (*Sitz in der Literatur*).

⁵² L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 355 «Partindo da tradição judaica antiga encontrada em Deutero-Isaías, passando por Jesus e pela igreja palestinese, radicou-se na igreja helenista. O termo está, por isso mesmo, marcado pelo conceito de Deus da tradição judaica antiga». Embora, como afirma R. Bultmann, *Teologia do NT*, p. 242s, Paulo «foi conquistado para a comunidade cristã pelo querigma da comunidade helenista».

⁵³ H. Conzelmann, *Teologia del NT*, p. 69.

⁵⁴ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 209: «Seja como for, Paulo certamente foi o primeiro, quanto sabemos, a resumir a mensagem cristã como “evangelho”. E seu uso do termo certamente estabeleceu sua significação e centralidade na teologia cristã. Por isso sua maneira de entender o “evangelho” é de interesse especial».

é um termo eminentemente paulino⁵⁵. Para tanto, basta ver que das 76 vezes em que o substantivo εὐαγγέλιον aparece no NT, 60 vezes dá-se na literatura paulina, e que das 54 vezes em que aparece o verbo, 21 encontra-se na literatura paulina e 33 nos demais livros do NT⁵⁶.

Com tudo isso que afirmamos acima, podemos dizer que Paulo é, por excelência, o homem do *evangelho*. Segundo a introdução da Carta aos Romanos, Deus o «separou para o *evangelho*» (Rm 1,1: ἀφωρῶμένος εἰς εὐαγγέλιον Θεοῦ); ou ainda, tendo sido, como ele mesmo afirma, escolhido pelo próprio Cristo para ser «arauto, apóstolo e mestre», em 2Tm 1,11: εἰς ὃ ἐτέθην ἐγὼ κήρυξ καὶ ἀπόστολος καὶ διδάσκαλος. Se olharmos para a Carta aos *Galatas* veremos que Deus revelou-lhe o seu Filho para que o «anuncie entre os pagãos» (1,15s); «confiou-lhe o *evangelho*» (1Ts 2,4); o fez «ministro do *evangelho*» (Cl 1,23). Por tudo isso, é que Paulo se sente obrigado a anunciar o *evangelho* (1Cor 9,16).

Paulo usa algumas expressões características suas para expressar a sua pertença ao *evangelho*: com freqüência fala de «nosso *evangelho*» ou «meu *evangelho*» (Rm 2,16; 1Cor 15,1; 2Cor 4,3; Gl 1,11; 2,2; 1Ts 1,5; 2Ts 2,14; 2Tm 2,8). Isso não significa, de modo algum, que haja outros evangelhos ou que ele pregasse um *evangelho* diferente dos demais, pois ele mesmo se empenha em afirmar que há um *evangelho* somente, aquele que ele prega (Gl 1,11; 1Cor 15,1) e que este constitui «um bem precioso»⁵⁷ que lhe foi confiado (Gl 2,7; 1Ts 2,4; 1Tm 1,11). A palavra «*evangelho*» tornou-se tão importante no anúncio dos apóstolos que até os adversários de Paulo «na Galácia davam à pregação deles o nome de εὐαγγέλιον»⁵⁸.

O εὐαγγέλιον paulino está centrado na morte e ressurreição de Cristo (1Cor 15,1-5) e orientado para a sua vinda gloriosa (1Cor 15,22-28)⁵⁹. Ele é «revelação de um mistério envolvido em silêncio nos séculos eternos, mas hoje manifestado e, pelas Escrituras, levado ao conhecimento de todas as nações» (Rm 16,25). A promessa feita a Abraão em Gn 12,3 era já um «pré-*evangelho*», que hoje se realiza na conversão dos pagãos (Gl 3,8; Ef 3,6), defendido na Carta

⁵⁵ L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 357: «Nenhuma das testemunhas do NT delimitou, como Paulo, de forma teológica tão precisa o Evangelho de Cristo diante das posições surgidas sob a influência judaica e helenista, como sendo o único Evangelho, e nenhuma o desdobrou com tanta nitidez atendendo à situação».

⁵⁶ J. D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 204s; G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1075s; L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 353; G. Segalla, *Evangelo e Vangelo*, p. 9s.

⁵⁷ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1094.

⁵⁸ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1095.

⁵⁹ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1085: «Per l'Apostolo il tratto principale del lieto messaggio è la storia di Gesù con la sua passione, morte e risurrezione».

aos *Gálatas*, dando-se por meio da graça e da fé, e nunca por meio das obras⁶⁰.

O εὐαγγέλιον constitui sempre uma boa ocasião para se fazer uma orção, pois «ele é força de Deus para todo que nele crê» (Rm 1,16s; 1Cor 1,18-21); ele é força atualizadora do mistério da Cruz (1Cor 1,17-2,5); para uns o *evangelho* é escândalo e para outros ele é loucura (1Cor 1,18. 21.23; Rm 9,32s; Gl 5,11). Mas é algo que precisa ser conhecido por todos, para que a todos possa chegar o mistério da salvação. Por isso é que o Apóstolo pede que «me seja dada a palavra para anunciar com ousadia, o mistério do *evangelho*» (Ef 6,19: ἐν παρρησίᾳ γνωρίσαι τὸ μυστήριον τοῦ εὐαγγελίου).

Para o Apóstolo a palavra εὐαγγέλιον já diz tudo⁶¹: seu conteúdo, objeto, sujeito e autor. O objeto do *Evangelho* é Jesus (Gl 1,16), a riqueza de Jesus (Ef 3,8), a fé (Gl 1,23) etc. Porém é óbvio que para Paulo Cristo não é somente o objeto do *evangelho*, mas sobretudo o sujeito, pois ele é seu autor. Paulo afirma «τὸ εὐαγγέλιον τοῦ Χριστοῦ» (Gl 1,7; Rm 15,19; 1Cor 9,12; 2Cor 2,12; 9,13; 10,14; Fl 1,27; 1Ts 3,2), ou ainda «ἐν τῷ εὐαγγελίῳ τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ (de Deus)» (Rm 1,9; 1Ts 2,2.9), e com isso Paulo caracteriza o *evangelho* como sendo «de Cristo ou de Deus»⁶². Por tudo isso, Cristo não é outra coisa senão a realização das promessas do AT⁶³. Segundo Friedrich «sob o perfil de conteúdo, é certo que Cristo é o objeto, mas também o *auctor* do anúncio: *auctor* seja quando aparece sobre a terra (Rm 16,25) seja quando é glorificado (Rm 15,18)»⁶⁴.

Não há dúvidas, enfim, de que para Paulo, o *Evangelho* não é meramente uma recitação ou um anúncio; ele empenha o ouvinte às normas segundo as quais deve viver, como encontramos em Fl 1,27: «Somente deveis portar-vos dignamente conforme o *evangelho* de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do *Evangelho*»⁶⁵.

⁶⁰ L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 356: «Na Epístola aos Gálatas, defende o Evangelho contra a descaracterização judaísta. Por isso interpreta nela o Evangelho como a mensagem da justificação exclusivamente por graça e fé».

⁶¹ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1085: «Che il concetto sia per lui qualcosa di fisso, si vede dal fatto che all'incirca nella metà dei passi ricorre l'espressione τὸ εὐαγγέλιον in assoluto senza che egli senta il bisogno di caratterizzare εὐαγγέλιον con un sostantivo o con una frase relativa. Cosa sia il vangelo, i lettori lo sano bene, e ogni spiegazione risulta superflua».

⁶² L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 355.

⁶³ L. Goppelt, *Teologia do NT*, p. 356; J.M. Bover, *Teología de San Pablo*. Madrid: BAC, 1967, p. 696.

⁶⁴ G. Friedrich, «εὐαγγέλιον», p. 1087.

⁶⁵ Fl 1,27: Μόνον ἀξίως τοῦ εὐαγγελίου τοῦ Χριστοῦ πολιτεύεσθε, ἵνα εἴτε ἐλθὼν καὶ ἰδὼν ὑμᾶς εἴτε ἀπὼν ἀκούω τὰ περὶ ὑμῶν, ὅτι στήκετε ἐν ἐνὶ πνεύματι, μιᾷ ψυχῇ σὺναθλοῦντες τῇ πίστει τοῦ εὐαγγελίου.

Conclusão

Após este estudo, só podemos afirmar que procurar esclarecer a noção bíblica neo-testamentária dos conceitos “verdade” e “evangelho”, tendo presente também a sua base antigo-testamentária, nos permite melhor entender os desafios que o mundo coloca para a Igreja nos dias de hoje, continuamente chamada a anunciar “a verdade do Evangelho”, como fez a Igreja Primitiva, sem impor aspectos culturais de um povo sobre os demais, como sendo algo essencial à fé cristã, no seguimento de Jesus Cristo. Para tanto, é que insitimamos no valor de se estudar conceitos bíblicos, como estes, bem como sua evolução no tempo e com o encontro com as diversas culturas. É importante ver como os conceitos vão sendo moldados e melhor trabalhados em cada período e época da história da salvação, como nos mostra a passagem da noção dos conceitos bíblicos de “verdade” e “evangelho” do AT para o NT, do mundo judaico para o mundo grego, seja da TANAK para a LXX, seja destas duas para o NT. Cristo, sem sombra de dúvidas, apareceu como um divisor de águas entre estes dois momentos. E Paulo, dentre todos os cristãos do período da Igreja Nascente, foi quem melhor soube acolher a mensagem de Cristo e moldá-la para o mundo grego-romano sem perder o essencial, que é a fé em Cristo Jesus. Pois respeitando as diferentes culturas, inclusive a judaica, ele soube apresentar o essencial da fé: Jesus Cristo, qualificando-o como a Boa Notícia de Deus por excelência. Oxalá, também nós sejamos capazes de anunciar o fundamental da fé, Cristo Jesus, sem os condicionamentos humanos, que são próprios de cada cultura e época, e não da fé cristã.

Referências Bibliográficas

- BARRERA, J.T., *Paganos, judíos y cristianos en los textos de Qumran*. Valladolid: Trotta, 1999.
- BECKER, U., «εὐαγγέλιον». In: L. COENEN – C. BROWN, *Dicionário Internacional de Teologia para o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, pp. 757-765.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.
- BOVER, J. M., *Teología de San Pablo*. Madrid: BAC, 1967.
- BULTMANN, R., «ἀλήθεια». In: G. Kittel – G. Friedrich (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 640-673.

- CONZELMANN, H., *Teologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1999.
- DODD, C. H., *Interpretación del Cuarto Evangelio*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1978.
- DUNN, J. D. G., *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FABRIS, R., «Vangelo». In: P. Rossano – G. Ravasi – A. Girlanda (org.), *Nuovo Dizionario di Teologia Bibblica*. Cisinello Balsamo: San Paolo, 1988, pp. 1620-1639.
- FITZMYER, J. A., *Linhas fundamentais da teologia paulina*. Coleção Cadernos Bíblicos, n. 10. São Paulo: Edições Paulinas, 1970.
- FRIEDRICH, G., «εὐαγγέλιον». In: G. Kittel – G. Friedrich (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 1023-1106.
- GARCIA MARTÍNEZ, F. – TREBOLLE BARRERA, J., *Os homens de Qumran, Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- , *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GOPPELT, L., *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica-Paulus, 2003.
- IDÍGORAS, J. L., «Verdade», In: J.J. Idígoras, *Vocabulário para a América Latina*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, pp. 531-536.
- KITTEL, G., «ἀλήθεια». In: G. KITTEL – G. FRIEDRICH (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 637-639.
- KITTEL, R., ed., *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 1997.
- LINK, H. G., «Verità (ἀλήθεια)», In: L. Coenen – E. Beyreuther – H. Bietenhard (org.), *Dizionario dei concetti biblici del Nuovo Testamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1976, pp. 1961-1975.
- MARTÍNEZ, F. G. – BARRERA, J.T., *Os homens de Qunram, Literatura, estrutura e concepções religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- METZGER, B. M., *Il canone del Nuovo Testamento, Origine, sviluppo e significato*. Brescia: Paideia, 1997.
- MURPHY-O'CONNOR, J., «La “vérité” chez Saint Paul et à Qunran», *Recerches Bibliques* 72 (1965) pp. 29-76.



- NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*²⁷. Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 1993.
- QUELL, G.-KITTEL, G., «ἀλήθεια» In: G. Kittel – G. Friedrich (ed.), *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, I. Brescia: Paideia, 1965, pp. 625-640.
- RAHLFS, A., *Septuaginta*, Stuttgart: Deutsche Biblegesellschaft, 1979.
- SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, Parte Prima. Brescia: Paideia, 1973.
- , *Il Vangelo di Giovanni*, Parte Seconda. Brescia: Paideia, 1977.
- SEGALLA, G., *Evangelo e Vangeli*. Bologna: EDB, 2003.
- THISELTON, A. C., «ἀλήθεια». In: L. COENEN – C. BROWN, *Dicionário Internacional de Teologia para o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, pp. 2601-2631.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica, pela PUG - Roma
Professor do Departamento de Teologia da PUC Rio:
graduação e pós-graduação
Rio de Janeiro/RJ - Brasil
E-mail: waldecir@hotmail.com
waldecir@puc-rio.com.br

Recebido em: 31/10/13
Aprovado em: 18/11/13